

1

# Arqueologia Medieval

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MERTOLA



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



**Capa e Design Gráfico:** Gil Maia

**Execução Gráfica:** Edições-Afrontamento, Lda.

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

**Periodicidade:** Anual (Nº 1 Fevereiro / 1992; Nº 2 Fevereiro / 1993)

**Preço de capa:** Portugal — Esc. 3.500\$00; Espanha — PTE. 3.800\$00; Resto da Europa — PTE. 4.100\$00; Fora da Europa — 4.700\$00.

**Edições Afrontamento, Lda — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal — Telefones: (02) 489271, 494880 — Telefax: (02) 491777**

# VIDROS ANTIGOS DE MÉRTOLA

MANUELA ALMEIDA FERREIRA

Os vidros que são objecto deste artigo provêm de escavações realizadas no castelo e na Rua da Farmácia, em Mértola (1).

O estado fragmentário em que este material foi encontrado coloca problemas à definição das formas — e consequentemente das funções — dos objectos a que pertenceram mais de 50% dos fragmentos, inviabilizando em larga medida a publicação de tipos. A presença ou ausência de decoração e a cor do vidro foram por isso os critérios que preferimos para a apresentação do conjunto de objectos em questão.

Pode afirmar-se que os vidros exumados em Mértola são objectos de produção e uso correntes: foram realizados basicamente por sopragem livre ou dentro de moldes e decorados de maneira não sumptuosa. O seu estudo passou pelo confronto de um certo número de fragmentos com objectos intactos descobertos em diversos pontos do mundo muçulmano medieval; os resultados desta estratégia foram, como adiante se verá, bastante elucidativos sobre o carácter dos vidros de Mértola e sugeriram-nos várias reconstituições das quais divulgamos apenas as menos controversas. O futuro dirá até que ponto são correctas estas nossas conjecturas.

## I. CONSIDERAÇÕES GERAIS

As 39 peças estudadas atestam a existência de vidro das seguintes cores: verde, roxo, vermelho, turquesa, castanho, azul escuro e negro. Um certo número de objectos foi fabricado em vidro incolor, frequentemente esverdeado ou amarelado. As cores melhor representadas são o roxo e o vermelho tomados em conjunto (15,3%) e o negro (12,8%). O castanho e o verde estão presentes em 10,2% dos casos e o amarelo e o turquesa representam somente 7,6% do total. Um dos fragmentos de vidro vermelho e as peças de cor azul, castanha e negra são de vidro opaco.

O vidro não é de muito boa qualidade: qualquer que seja a cor, a matéria vítrea apresenta-se juncada de bolhas de ar; certos fragmentos de vidro vermelho contêm impurezas sob a forma de filandras. Quanto ao estado de conservação, há que referir que os fenómenos de opacidade e de irisação se observam com frequência neste material. Constituem excepções um frasco amarelo com decoração moldada (nº 17), um fragmento

(1) Agradecemos ao Dr. Cláudio Torres as facilidades concedidas para o estudo e publicação deste material.

verde do colo de um *oenochóe* (nº 21) e as sete rolhas — todas idênticas na forma mas diversas na cor — encontradas intactas (nº 24).

A maior parte dos fragmentos não foi ornada; aqueles que o foram ilustram não obstante a decoração por aplicação de fio de vidro e algumas variantes relativamente curiosas da decoração por sopragem dentro de moldes — as duas únicas técnicas decorativas documentadas neste conjunto de vidros. Salientemos que, de todos os objectos decorados, 85,7% o foram por sopragem dentro de moldes.

## 2. VIDRO DECORADO

### 2.1. Objectos decorados por aplicação de fios de vidro

O bordo da taça nº 1, em vidro roxo transparente, é rematado por um fio branco opaco. As taças sobre o hemisférico são vulgares na vidraria islâmica da Idade Média (1); o fio branco aplicado, por sua vez, contrasta com um fundo roxo como acontece no Egito (2) e na Síria (3) na mesma época. Na Europa existem exemplos da combinação destas duas cores entre o material vítreo do séc. XIV de La Seube, na França meridional (4).

### 2.2. Objectos decorados com recurso a moldes auxiliares

Este grupo compreende três vasos de vidro transparente e dois de vidro opaco negro.

O nº 14 é uma garrafa cujo colo foi decorado de nervuras verticais, moldadas, que se prolongariam certamente pelo menos até ao início dos ombros. (Fig. 1/a) Uma garrafa egípcia do séc. XIII, muito provavelmente da mesma forma (5), mas da qual também não se conservou infelizmente senão o colo, apresenta esta mesma decoração (6).

Os nºs 2, 3, 16 e 17 foram decorados com motivos geométricos por sopragem dentro de moldes.

O nº 2 é uma pequena taça de vidro opaco negro cuja copa foi provida, imediatamente abaixo do rebordo, de um motivo de discos ovais em repetição linear simples. Os paralelos conhecidos desta fórmula decorativa datam dos sécs. IX a XI; são eles copos, formas abertas, garrafas e jarros bizantinos (7) ou provenientes de áreas influenciadas pelo Islão, desde a Ásia central (8) à Espanha (9), passando pelo

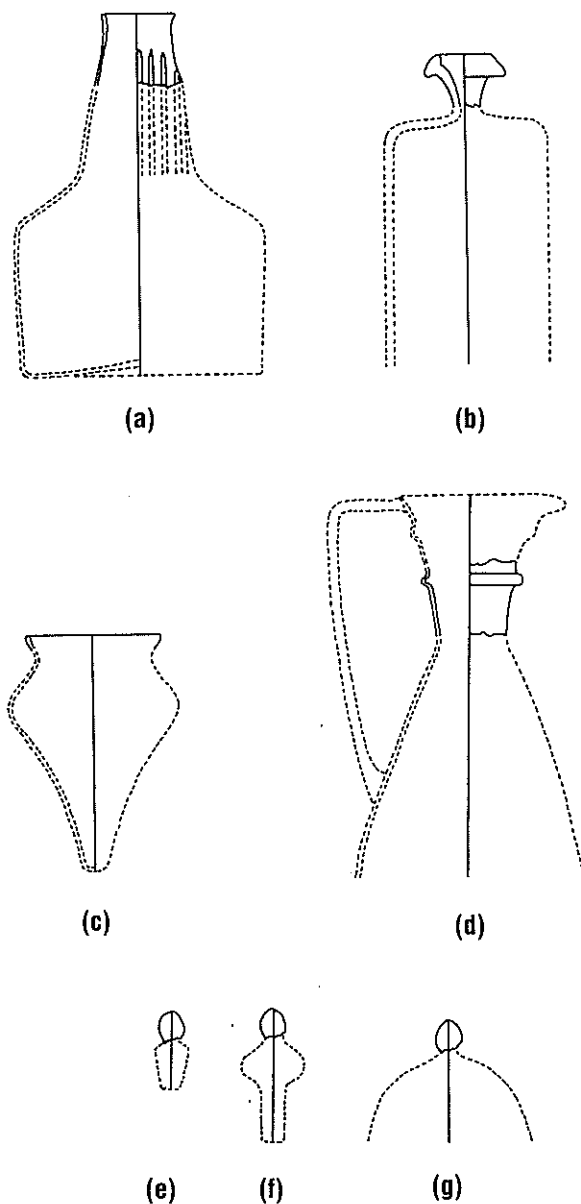


FIG. 1

- (1) LAMM, 1928, pág. 16, nº 8, fig. 4; RIIS, 1957, figs. 192 e 194; KERVRAN, 1984, pág. 220, fig. 9/15-16.  
 (2) WHITCOMB, 1983, pág. 103, fig. 2/b.  
 (3) RIIS, 1957, págs. 63-67.  
 (4) LAMBERT, 1972, pág. 79, fig. 2, Lâm. VI/9.  
 (5) LACAM, 1961, fig. 14/a-b.  
 (6) WHITCOMB, 1983, fig. 2/hh.  
 (7) HAN e BRUSIC', 1977, págs. 271-276, figs. 2, 3 e 5.  
 (8) ABDURAZAKOV, 1969, pág. 34, fig. 1/b.  
 (9) GOMEZ MORENO, 1951, pág. 344, fig. 403/c.  
 (10) KERVRAN, 1984, pág. 218, fig. 8/23.

Irão (10), pelo Iraque (1), pela Síria (2) e pela Tunísia (3).

Os nºs 3 e 16 são dois fundos, talvez de uma tacinha e de um frasco. O primeiro, de vidro opaco negro, é raso; o segundo, de cor amarela, é cónico. Ambos ostentam o mesmo motivo geométrico de pastilhas ovais moldadas que se conhece, por um lado em vasos islâmicos (4) ou de tradição islâmica (5) e, por outro lado, em objectos de vidro do séc. XIV do Sul da França (6). O nº 16 poderia ser interpretado como um copo troncocónico idêntico àqueles que foram exumados em estações da Provença e do Languedoc (7). Considerámo-lo porém como a base de um frasco dada a espessura do fundo cónico e o paralelo que é possível estabelecer com o nº 17. Este é um frasco de vidro fino e transparente ao qual apenas falta o colo; foi soprado em vidro da mesma cor que o nº 16 e a sua decoração consiste num padrão de pastilhas losangonais.

### 3. VIDRO NÃO DECORADO

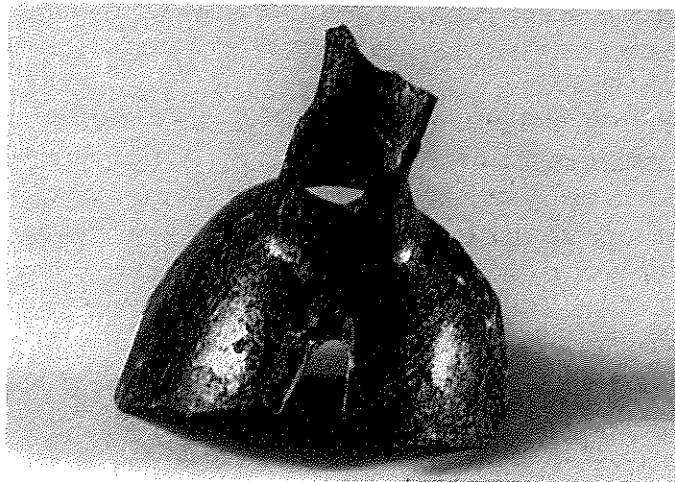
#### 3.1. Vidro «incolor»

De todas as peças agrupadas sob este título apenas o nº 9 é razoavelmente incolor. O precário estado de conservação dos nºs 20, 27 e 28 tornam indefinível a sua cor original; podemos no entanto supor que estes fragmentos tenham sido incolores tingidos de verde ou de amarelo, como sucede com os demais aqui em questão e, de maneira geral, com o vidro «incolor» da Idade Média.

Os nºs 4 e 8 são bordos de formas abertas. O primeiro é uma taça sobre o hemisférico, como o nº 1, enquanto segundo, que reproduz a forma troncocónica dos alguidares cerâmicos, tem numerosos paralelos entre os vidros islâmicos (8). Na Europa, conhecem-se recipientes de vidro com esta forma em Itália (9) e na França meridional (10), onde datam do séc. XII ao séc. XIV.

Os nºs 9, 10 e 15 são talvez fragmentos de garrafas. O nº 9 pode ser a base anelar de uma garrafa do tipo da que foi descoberta em Corinto, ou seja, de uma garrafa de bojo sobre o esférico e colo dilatado em anel envolvente (11), tal como o nº 21 de Mértola. Ainda na época em que nos situamos, uma base anelar homóloga da de Mértola e proveniente de escavações em Susa foi considerada como a base de uma garrafa (12).

Os lábios engrossados e tombados para fora dos bordos

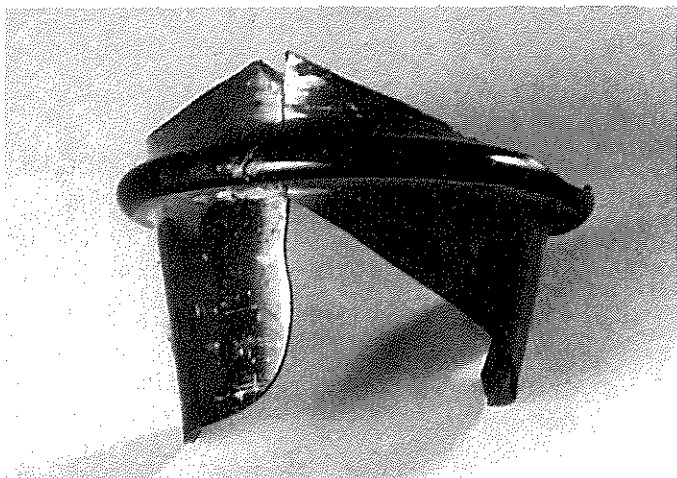


nºs 10 e 15 encontram paralelos na vidraria bizantina da Palestina (13), no Egipto e Irão muçulmanos (14). O colo excepcionalmente curto e estreito do fragmento nº 15, em particular, assemelha-se a formas conhecidas no Egipto e no Irão nos sécs. VII e VIII (15) (Fig. 1/b).

O nº 19 é a base de um pequeno recipiente, talvez um frasquinho cilíndrico.

O jarro nº 20, cuja asa descola do bordo, do lado oposto ao bico, é próximo pela forma de certos jarros iranianos do século IX (16). Um jarro análogo proveniente de Murano foi datado do século XIV; ele é todavia considerado como uma forma incaracterística (17).

- (1) LAMM, 1928, pág. 48, n.os 167 e 168, Lãm. III e IV.
- (2) MARIACHER, 1966, pág. 64, fig. 27.
- (3) SKIK, 1971-72, pág. 98, nº 40, figs. 82 e 85.
- (4) LAMM, 1928, pág. 44, nº 161, fig. 30, Lãm. III.
- (5) DAVIDSON, 1940, pág. 319, fig. 19/53; GOMEZ MORENO, 1951, pág. 344.
- (6) DEMIANS D'ARCHIMBAUD, 1980, IV, Lãm. 452/1-4.
- (7) FOY, 1985, pág. 42 e seguintes.
- (8) SKIK, 1971-72, pág. 90, fig. 66; Annales Archéologiques Arabes Syriennes, 1967 e 1976; Catálogo do Kunstmuseum Düsseldorf, 1974, n.os 311-316; KERVRAN, 1984, fig. 5.
- (9) WHITEHOUSE, 1969, pág. 71, fig. 21/1; FOSSAT e MANNONI, 1975, pág. 60, figs. 36, 38, 39, 41-44; NEPOTI, 1978, pág. 222, fig. 57/15, 17 e 19.
- (10) DEMIANS D'ARCHIMBAUD, 1980, II, págs. 1315-16 e IV, Lãm. 464/1-2.
- (11) DAVIDSON, 1940, fig. 22/63.
- (12) KERVRAN, 1984, pág. 213, fig. 2/3.
- (13) PHILIPPE, 1970, pág. 30/2 e 3.
- (14) WHITCOMB, 1983, fig. 2/w; KERVRAN, 1984, pág. 212, fig. 1.
- (15) PINDER-WILSON e SCANLON, 1973, pág. 20, figs. 9 e 10; KERVRAN, 1984, pág. 212, fig. 1/5.
- (16) LACAM, 1961, fig. 5/a.
- (17) HARDEN, 1971, págs. 102-103, Lãm. XIII/C.



O nº 22 fez possivelmente parte de um vaso do tipo dos vasos de largo bojo globular contemporâneos conhecidos no Irão (1) e no Egípto (2). Os bordos destes não são, porém, tubulares. No Sul da França foram exumados, de um contexto do séc. XIV, vasos de pança globular ricamente ornados de fios azuis aplicados (3); do mesmo século é um exemplar catalão de Poblet (4).

O nº 24 é uma das sete rolhas idênticas, encontradas intactas, das quais duas são de vidro incolor tingido de verde, uma é azul escura e quatro outras são castanhas. Tanto quanto pudemos apurar, não existe qualquer paralelo antigo para estes objectos. Pela sua forma, estas rolhas assemelham-se de modo notório a certas rolhas plásticas em uso nos nossos dias.

É difícil alvitrar a que tipos de objectos poderão ter pertencido os bordos n.os 27 e 28. Concordando o diâmetro e a inclinação da parede do nº 28 com o verificável nas lâmpadas em forma de sino invertido destinadas a serem dispostas em coroas metálicas, é possível que este bordo tenha pertencido a um objecto deste tipo (Fig. 1/c). Esta forma de lâmpada, muito comum na vidraria bizantina (5) e na vidraria islâmica (6), está igualmente documentada na Europa medieval (7).

O nº 26 é uma asa de fita.

O nº 29 é talvez o fragmento de uma garrafa cujo colo cilíndrico terá sido bastante mais estreito do que o bocal troncocónico. Este modelo de bocal, que seria também reproduzido em Murano (8), aparece frequentemente na vidraria islâmica (9).

### 3.2. Vidro verde

Trata-se de vasos soprados em vidro a que intencional-

mente foi dada a cor verde, e não de vidro cuja tonalidade esverdeada seja o resultado da incapacidade de purificar suficientemente a matéria-prima.

O nº 6 é o bordo de uma pequena taça que podemos supor de copa bicónica.

O nº 13 é o bordo, dobrado para fora, recto e oblíquo, de uma garrafa certamente periforme. Além dos paralelos que é possível citar entre as garrafas islâmicas (10), são conhecidos em Murano, desde o séc. XIII, recipientes do mesmo tipo cujos bordos são idênticos aos das garrafas islâmicas (11).

O nº 21 é uma fracção do colo de um jarro. O anel em que este colo se dilata e o esvasamento para baixo da parede que se observam fazem-nos pensar que estamos em presença de um fragmento de *oenochóe*. O *oenochóe* - forma herdada da época sassânida, na qual foi fundido em metal e talhado em cristal de rocha - é uma das formas mais características de jarro islâmico. O seu corpo é periforme, o bocal é trilobado e o colo é frequentemente moldurado por um ou vários anéis envolventes. A maior parte dos jarros deste tipo, em vidro, provém do Irão (12), onde esta forma foi adoptada mesmo para frascos de pequeno formato (13). As estações islâmicas da Síria (14) e do Egípto (15) deram também exemplares deste tipo de jarro (Fig. 1/d).

(1) LABROUSSE e BOUCHARLAT, 1972, pág. 110, fig. 28/9.

(2) WHICOMB, 1983, figs. 3/w e 4/c.

(3) FOY, 1975, pág. 116, fig. 4/2; DEMIANS D'ARCHIMBAUD, 1980, II, pág. 1309 e IV, Lãm. 459.

(4) GUDIOL RICART, 1936, fig. 27/27.

(5) PHILIPPE, 1970, págs. 76-79, figs. 40 e 42.

(6) LAMM, 1928, pág. 37, nº 145, fig. 26, Lãm. IV; RIIS, 1957, págs. 38-39, fig. 62; PINDER-WILSON e SCANLON, 1973, pág. 22, figs. 18-19; Annales Archéologiques Arabes Syriennes, 1974.

(7) BARRELET, 1953, Lãm. XVIII; HEJDOVA', 1975, pág. 146, fig. 15/II.1; CHARLESTON, 1977-1980, págs. 70-71, fig. 25; GASPARETTO, 1979, pág. 85, fig. 16/1-2.

(8) GASPARETTO, 1979, fig. 3.

(9) LAMM, 1928, pág. 28, nº 119, fig. 11; Annales Archéologiques Arabes Syriennes, 1974.

(10) RIIS, 1957, fig. 326; Annales Archéologiques Arabes Syriennes, 1967 e 1970.

(11) GASPARETTO, 1979, pág. 81, fig. 4.

(12) LAMM, 1939, pág. 2597, figs. 1439/c e 1441; LACAM, 1961, fig. 7.

(13) LAMM, 1928, pág. 43, n.os 156-157, fig. 28, Lãm. IV; KERVRAN, 1979, pág. 184, fig. 73/3-4.

(14) RIIS, 1957, pág. 37, fig. 54; idem, pág. 42, figs. 87-88; idem, pág. 46, fig. 108; Annales Archéologiques Arabes Syriennes, 1974.

(15) PINDER-WILSON e SCANLON, 1973, págs. 25-26, figs. 30-32; WHITCOMB, 1983, fig. 4/m.

### 3.3. Vidro turquesa

Os fragmentos de vidro azul turquesa são os números 30 a 32. Trata-se de três fundos cônicos cuja atribuição a um tipo de recipiente preciso seria demasiado falível.

### 3.4. Vidro roxo e vermelho

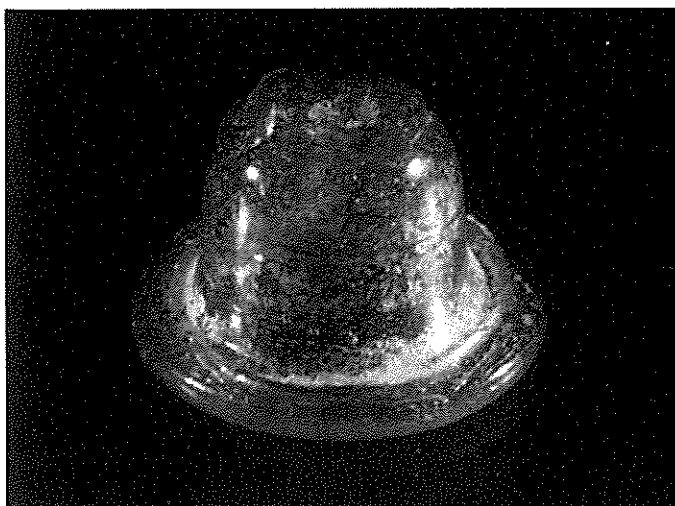
O nº 7 é o fundo de um vaso de vidro vermelho opaco. Certamente por deformação ocorrida aquando do arrefecimento da matéria, esta base tem um contorno irregular. Pensamos poder ter-se tratado de uma taça cilíndrica. A única peça que, pela forma, podemos aproximar deste objecto é uma taça cilíndrica encontrada em Corinto (sécs. XI-XII) (1).

A taça (?) nº 5, a garrafa nº 11 e o frasco nº 18 são roxo avermelhados. A matéria dos números 5 e 18 é rigorosamente igual: um e outro estão pejados de filandras. Vistos o diâmetro e a altura do colo do frasco nº 18, é talvez possível que o seu bocal fosse rematado por um bordo engrossado, do tipo daquele que se observa na garrafa nº 15.

O nº 12 é por certo o fundo cónico de um frasco ou de uma garrafa.

### 3.5. Vidro negro

O nº 23 é um botão periforme maciço em vidro opaco; é certamente a parte superior de um dispositivo de obturação de um recipiente, quanto a cuja forma sugerimos três hipóteses de reconstituição.



A primeira (Fig. 1/e) baseia-se num paralelo italiano, tardio embora (séc. XV) (2). A segunda (Fig. 1/f) procede do confronto do nº 23 de Mértola com rolhas produzidas ainda no séc. XX em ateliers vidreiros egípcios cuja produção conserva, de modo evidente, a tradição da época em que o Império muçulmano estava no apogeu (3). Este botão poderia ainda ter sido o elemento de preensão de uma tampa do tipo daquelas que, no Próximo Oriente, foram datadas de época próxima da do material de Mértola (4). (Fig. 1/g)

O nº 33 é uma conta modelada com pinças. Tem a forma de uma flor de sete pétalas e foi dotada de um orifício central. Em La Seube, no Hérault, foram encontradas numerosas contas de cores variadas — e também de vidro negro opaco — mas nenhuma possui esta forma (5).

## 4. ESTILO E CRONOLOGIA

O exame dos conjuntos de vidros islâmicos, ou de tradição islâmica, publicados pelos autores a que nos temos vindo a referir revela que há duas categorias de objectos especialmente abundantes: os recipientes destinados a conter líquidos e as formas abertas (6). Elementos de obturação de vasos em vidro — rolhas e tampas — de cronologia posterior à Baixa Antiguidade mas anteriores ao Renascimento, não os encontramos arqueologicamente documentados senão entre o relatório vidreiro muçulmano (7).

Ainda do ponto de vista formal, registámos a simplicidade como o *leitmotiv* quase geral dos bordos dos vasos de vidro islâmicos. O mais das vezes, estes bordos são lisos ou biselados; por vezes foram engrossados; raramente são tubulares ou, pelo menos, estes são menos comuns do que na vidraria romana. Verificámos também a ocorrência amiudada de anéis moldurando os colos de garrafas e jarros, e mesmo as paredes

(1) DAVIDSON, 1940, fig. 15/32.

(2) LAMARQUE, 1973, pág. 130, fig. 32/62.

(3) HENEIN, 1974, Lâms. XII/5 e XV/B; Lâms. XII/27 e XVI/D; Lâm. XVII/A.

(4) LAMM, 1930, págs. 42-43, Lâm. 6/18 e 23.

(5) LAMBERT, 1972, Lâm. IX.

(6) De resto, as formas abertas datadas da Idade Média não têm vindo a lume, na Europa, senão nas regiões mediterrânicas, da Grécia e da Jugoslávia aos países da Península Ibérica, passando pela Itália e pela França meridional.

(7) LAMM, 1928, pág. 17, n.os 24-26, fig. 7, Lâm. II; RIIS, 1957, pág. 60, fig. 169 e pág. 62, fig. 180.

de outros vasos de abertura mais larga <sup>(1)</sup>. Finalmente, parecem-nos possível falar de uma tendência para formas de bojo sobre o esférico.

Estas características do vidro islâmico medieval estão patentemente nos vidros de Mértola; a variedade no colorido do vidro e as fórmulas decorativas que ostentam corroboram a filiação deste espólio ao artesanato vidreiro islâmico.

Consideremos mais de perto algumas destas peças.

Os números 5 e 7, datados pela estratigrafia dos sécs. XII-XIII, são respectivamente roxo-avermelhado e vermelho opaco. O vidro roxo ou vermelho só muito esporadicamente tem surgido nas estações europeias medievais. Estes fragmentos remetem-nos por isso para a tradição médio-oriental de que a produção islamizante da Corinto bizantina é testemunha a partir de meados do séc. XI <sup>(2)</sup>.

O vidro escuro — negro, roxo, azul — foi muitas vezes decorado pelos artífices muçulmanos por aplicações contrastantes de vidro opaco branco. A taça nº 1, que provém de um contexto dos sécs. XII - XIII, é um exemplo desta "decoreção branca". A propósito desta modalidade ornamental, há que citar uma vez mais o material de Corinto <sup>(3)</sup>; cabe também referir que, na Idade Média, esta decoreção surge nas estações onde está atestada a influência islâmica, nomeadamente pelo estilo das cerâmicas <sup>(4)</sup>.

A distribuição geográfica e a cronologia dos objectos que partilham com a taça nº 2 o motivo de discos em relevo falamos de um império vário de povos que professam uma mesma estética.

Quanto às pastilhas ovais e aos losangos dos números 3, 16 e 17, é flagrante a semelhança existente entre eles e a decoreção de alguns vidros do séc. XIV descobertos em Rougiers, na Provença <sup>(5)</sup>. Estes copos e taças reflectem de alguma maneira opções decorativas da vidraria médio-oriental imediatamente precedente.

Há a notar, enfim, a modesta qualidade deste grupo de vidros, do qual estão ausentes quaisquer vasos talhados e gravados, esmaltados ou dourados.

Os vidros do castelo têm como *terminus ante quem* o fim do séc. XIII; entre estes, os números 1, 5, 7, 8, 9, 13, 22 e 28 estão seguramente datados dos séculos XII-XIII. O estilo dos restantes e os paralelos que para eles é possível citar fazem-nos pensar que eles lhes não são anteriores.

Os números 4 e 20 provêm da Rua da Farmácia. Não sendo possível datá-los a partir do contexto arqueológico, apenas

podemos presumir tratarem-se de vidros contemporâneos ou posteriores aos descobertos no castelo.

Qual a origem dos vidros do castelo de Mértola? É legítimo supor que eles tenham sido fabricados algures na região de Sevilha ou que tenham sido importados do Próximo Oriente. Tudo é obscuro no que respeita às características dos vidros produzidos em Sevilha nesta época, o mesmo sucedendo em relação a outras regiões do Sul de Espanha <sup>(6)</sup>. Oxalá se vejam aumentar proximamente os dados arqueológicos susceptíveis de contribuir para o conhecimento do vidro medieval andaluz.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABDURAZAKOV, A. A., «Medieval Glasses from the Tashkent Oasis», *Journal of Glass Studies*, XI, 1969, págs. 31-36.
- BARRELET, J., *La verrerie en France de l'époque gallo-romaine à nos jours*, Paris, 1953.
- Catálogo - Glassammlung Hentrich - Antike und Islam, Kunstmuseum Düsseldorf, 1974.
- CHARLESTON, R. J., «Glass of the High Medieval Period (12th-15th century)» *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, nº 8, 1977-1980, págs. 65-76.
- DAVIDSON, G., «A medieval glass-factory at Corinth», *American Journal of Archaeology*, XLIV, 1940, págs. 297-327.
- DEMIANS D'ARCHIMBAUD, G., Rougiers-Village médiéval de Provence, C. N. R. S., 1980 (tese de doutoramento policopiada).
- FALSONE, G., «Gli scavi allo steri di Palermo» *Atti del Colloquio Internazionale di Archeologia Medievale*, Vol. I, 1976, págs. 110-122.
- FOSSATI, S. e MANNONI, T., «Lo scavo della vetreria medievale di Monte Lecco», *Archeologia Medievale*, II, 1975, págs. 56-97.
- FOY, D., «Essai de typologie des verres médiévaux d'après les fouilles provençales et languedociennes», *Journal of Glass Studies*, XXVII, 1985, págs. 18-71.
- GASPARETTO, A., «Matrici e aspetti della vetraria veneziana e veneta medievale», *Journal of Glass Studies*, XXI, 1979, págs. 76-97.
- GOMEZ MORENO, «El Vidrio», *Ars Hispaniae*, III Madrid, 1951, págs. 344 e seguintes.
- GUDIOL RICART, J., Els Vidres Catalans, *Monumenta Cataloniae*, III, Barcelona, 1936.
- HAN, V. e BRUSIC, Z., «Une découverte sous-marine-Du verre médiéval dans l'Adriatique», *Annales du 7<sup>ème</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, 1977, págs. 271-282.

(1) WHITCOMB, 1983, fig. 2/d-e.

(2) DAVIDSON, 1940, pág. 306, figs. 12/9 e 20; 15/25; 18/48 e 50; 19/53.

(3) DAVIDSON, 1940, págs. 314, 319 e 321, figs. 14/23; 19/57; 23/71-72.

(4) GUDIOL RICART, 1936, págs. 75 e 80-81; LAMBERT, 1972, pág. 89, figs. 15-16, Lâms. VI, VIII e IX; MANNONI, 1972, págs. 143-145; FALSONE, 1976, pág. 121, fig. 29.

(5) DEMIANS D'ARCHIMBAUD, 1980, IV, Lâms. 452/1 e 5; 456/6 e 7.

(6) As escavações de um habitat dos sécs. XI-XIII realizadas em Marmuyas, na região de Málaga, revelam um material vítreo muito pobre. Cf. RIU, 1981, pág. 441.

HARDEN, D. B., «Ancient Glass, III-Post-Roman», *The Archaeological Journal*, CXXVII, 1971, págs. 78-117.

HEJDOVA', D., «Types of Medieval Glass Vessels in Bohemia», *Journal of Glass Studies*, XVII, 1975, págs. 142-150.

HENEIN, N. H., *Le verre soufflé en Egypte*, Cairo, 1974.

KERVAN, M., «Le matériel archéologique-Fouilles du Palais d'Artaxerxès II à Suse», *Cachiers de la Délégation Archéologique Française en Iran*, nº 10, 1979, págs. 184 e 223-224.

KERVAN, M., «Les niveaux islamiques du secteur oriental du tépé de l'Apadana, III, *Les objets en verre, pierre et en métal*, *ibid.* nº 14, 1984, págs. 211-225.

LACAM, J., «Contribution à l'étude de la verrerie musulmane — VIIIe, IXe, Xe siècles», *Cachiers de la Céramique, du Verre et des Arts du Feu*, nº 21, 1961, págs 14-30.

LAMARQUE, W., «The Glassware in Tuscania. 1973: Report on six pits», *Papers of the British School at Rome*, XXVIII, 1973, págs. 117-133.

LAMBERT, N., «La Seube: témoin de l'art du verre en France méridionale du Bas-Empire à la fin du Moyen Age», *Journal of Glass Studies*, XIV, 1972, págs. 77-116.

LAMM, C. J., *Das Glass von Samarra, Die Ausgrabungen von Samarra IV*, Berlin, 1928.

LAMM, C. J., *Mittelalterliche Gläser und Steinschnittarbeiten aus dem Nahen Osten*, Berlin, 1930.

LAMM, C. J., «Glass und Hard Stone Vessels», *A Survey of Persian Art*, Oxford e New York, 1939, Vol. III, págs. 2592-2606, Vol. VI, Láms. 1438-1454.

MANNONI, T., «A medieval glass-house in the Genoese Apennines - Italy», *Medieval Archaeology*, XVI, 1972, págs. 143-145.

MARIACHER, S., *Glass from Antiquity to the Renaissance*, Milão, 1966.

NEPOTI, S., «I vetri dagli scavi nella Torre Civica di Pavia», *Archeologia Medievale*, V, 1978, págs. 219-238.

PHILIPPE, J., *Le Monde Byzantin dans l'Histoire de la Verrerie*, Bolonha, 1970.

PINDER-WILSON, R. H. e SCANLON, G. T., «Glass Finds from Fustat — 1964-1971», *Journal of Glass Studies*, XV, 1973, págs. 12-30.

RIIS, H., *Hama, Fouilles et Recherches 1931-1938. Les Verreries et Poteries Médiévales*, Copenhague, 1957, págs. 30-116.

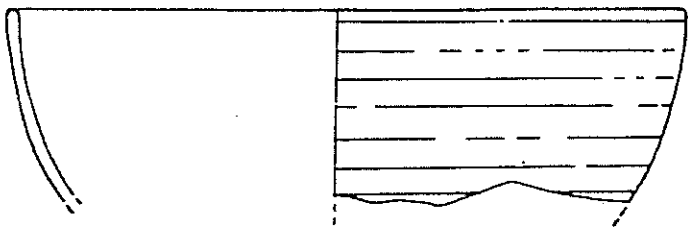
RIU, M., «La Cuarta Campaña en el Cerro de Marmuyas», *Al-Quantara — Revista de Estudios Arabes*, II — 1 e 2, 1981, pág. 441.

SKIK, K., «La Collection de Verres Musulmans de Fabrication Locale conservés dans les Musées de Tunisie», *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, nº 1971-1972, págs. 87-102.

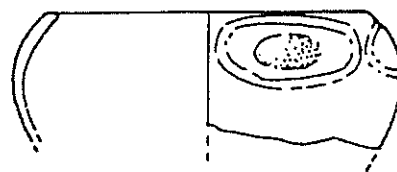
WHITCOMB, D. S., «Islamic Glass from Al-Quadim — Egypte», *Journal of Glass Studies*, XXV, 1983, págs. 101-108.

WHITEHOUSE, D., «Excavations at Anglona», *Papers of the British School at Rome*, 1969, pág. 71.

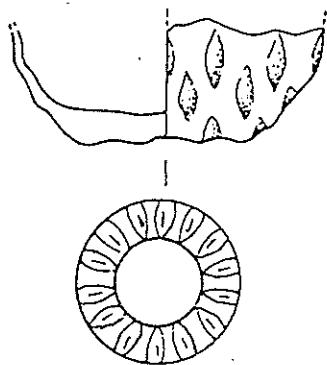
## CATÁLOGO



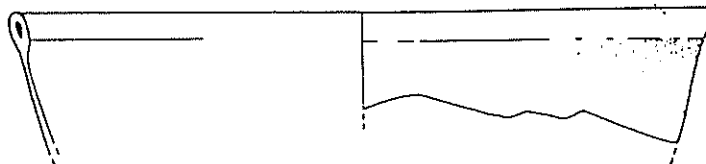
Nº 1 — Taça. Copa hemisférica. Bordo decorado por um fio branco aplicado. Vidro roxo transparente contendo numerosas bolhas de ar. Estrias da sopragem. Diâmetro-10,1 cm.



Nº 2 — Taça. Copa hemisférica. Bordo inflectindo para o interior. Rebordo decorado por discos ovais moldados. Vidro opaco negro. Diâmetro-4,6 cm.



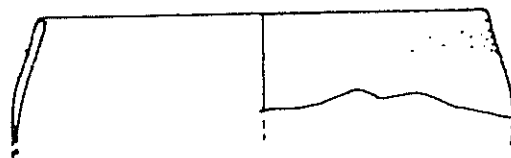
Nº 3 — Taça (?) Copa hemisférica decorada por pastilhas ovais moldadas. Fundo horizontal. Vidro opaco negro. Diâmetro-3,1 cm.



Nº 4 — Taça. Copa hemisférica. Bordo tubular. Vidro esverdeado contendo algumas bolhas de ar. Estrias da sopragem. Diâmetro-13,4 cm.



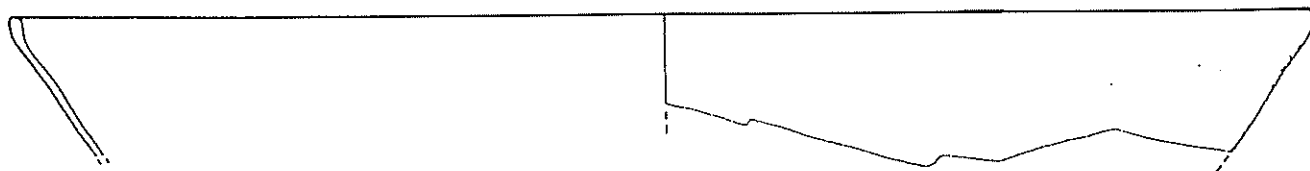
Nº 5 — Taça (?) Copa sobre o hemisférico. Fundo horizontal (?) Vidro roxo-avermelhado transparente contendo algumas bolhas de ar e numerosas filandras. Diâmetro-8 cm.



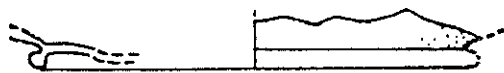
Nº 6 — Taça. Copa bicónica (?) Vidro verde transparente contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro-6,5 cm.



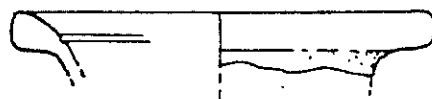
Nº 7 — Taça (?) Fundo ligeiramente cônico. Vidro opaco vermelho. Diâmetro-6,2 cm.



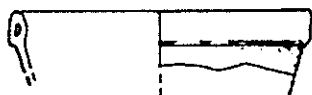
Nº 8 — Grande taça. Paredes esvasadas. Vidro esverdeado contendo bolhas de ar. Estrias da sopragem. Diâmetro-24,7 cm.



Nº 9 — Garrafa (?) Base anelar. Vidro incolor muito irisado. Diâmetro-6,5 cm.



Nº 10 — Garrafa (?) Bocal esvasado com bordo engrossado pelo exterior. Vidro esverdeado, muito irisado, contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro-6 cm.



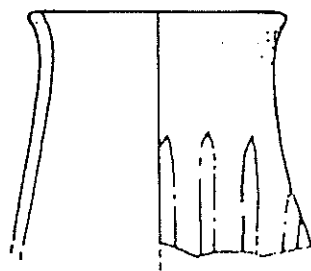
Nº 11 — Garrafa (?) Bordo tubular. Vidro roxo-avermelhado transparente. Diâmetro-4,3 cm.



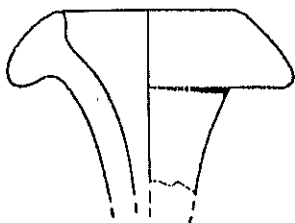
Nº 12 — Fundo cônico (de frasco?). Vidro roxo transparente contendo bolhas de ar. Diâmetro-4,4 cm.



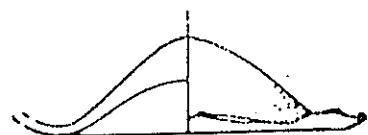
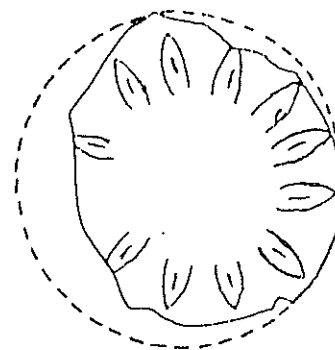
Nº 13 — Garrafa. Bordo revirado para fora, recto e oblíquo. Bojo periforme (?) Vidro verde, grosso e irisado. Diâmetro-4,6 cm.



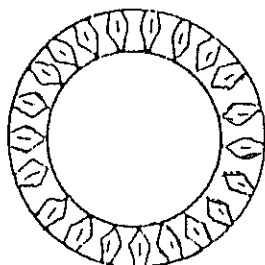
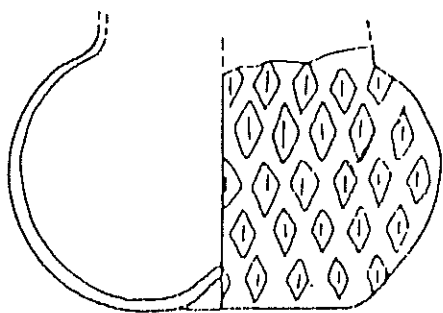
Nº 14 — Garrafa. Bojo carenado (?) Colo longo decorado por moldagem de nervuras verticais afiladas nas extremidades superiores. Vidro verde transparente, muito irisado. Diâmetro-3,7 cm.



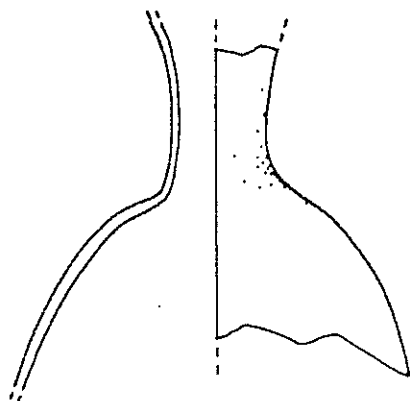
Nº 15 — Garrafa. Bordo em forma de aba pendente. Colo muito estreito. Bojo cilíndrico (?) Vidro esverdeado, grosso e muito irisado. Diâmetro-2,6 cm.



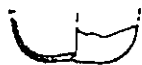
Nº 16 — Frasco (?) Bojo globular (?) decorado por pastilhas ovais moldadas. Fundo cônico. Vidro amarelo translúcido. O fragmento não permite determinar o diâmetro.



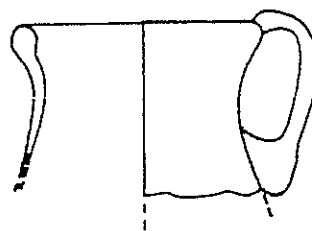
Nº 17 — Frasco. Bojo globular decorado por pastilhas losangonais moldadas. Fundo cônico. Vidro amarelo, fino e transparente, contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro-3,6 cm.



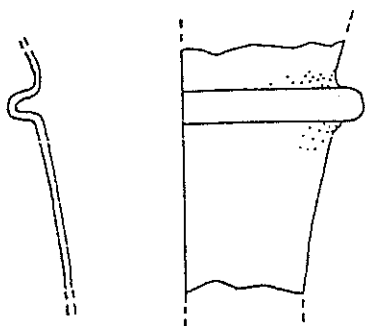
Nº 18 — Frasco. Colo longo, de lados côncavos. Bocal esvasado terminado talvez por um bordo engrossado. Ombros arredondados. Vidro roxo-avermelhado transparente contendo algumas bolhas de ar e numerosas filandras. Diâmetro maior do bojo-5,5 cm.



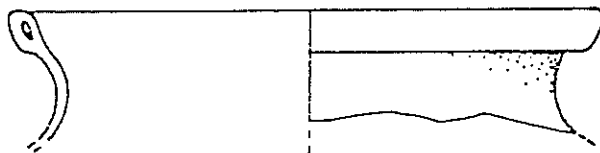
Nº 19 — Frasquinho (?) Fundo quase horizontal. Corpo cilíndrico (?) Vidro esverdeado contendo bolhas de ar. Diâmetro-1,4 cm.



Nº 20 — Jarro. Boca circular. Asa de fita. Cor original indefinível; mau estado de conservação. Diâmetro-3,4 cm.



Nº 21 — Denochoé. Colo moldurado por um anel envolvente. Vidro verde transparente contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro maior do colo-5 cm.



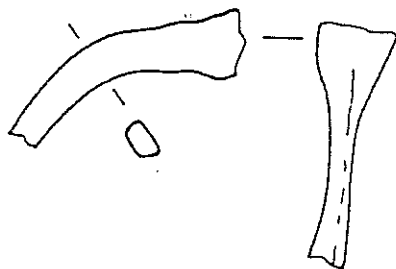
Nº 22 — Vaso de pansa globular (?) Bordo tubular formando aba horizontal. Colo curto. Vidro verde amarelado contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro maior do colo-8,5 cm.



Nº 23 — Rolha ou tampa. Vidro opaco negro. Altura-1,6 cm.



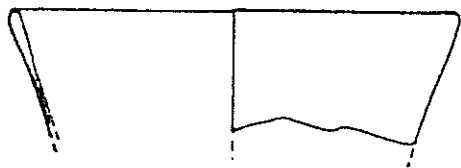
Nº 24 — Rolha em forma de dedal. Bordo tubular. Vidro esverdeado. Diâmetro-1,8 cm; altura-1,1 cm.



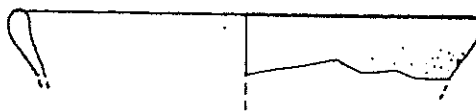
Nº 25 — Asa de fita. Vidro negro, irizado.



Nº 26 — Asa de fita. Vidro esverdeado, muito irizado.



Nº 27 — Bocal esvasado de um objecto indeterminado. Cor original indefinível; mau estado de conservação. Diâmetro-6,5 cm.



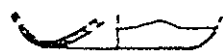
Nº 28 — Lâmpada (?) Cor original indefinível; mau estado de conservação. Diâmetro-6,7 cm.



Nº 29 — Garrafa (?) Bocal esvasado. Bordo de perfil irregular. Vidro amarelo transparente irisado, contendo numerosas bolhas de ar. Diâmetro-7,4 cm.



Nº 30 — Fundo cónico de objecto indeterminado. Vidro turquesa. O fragmento não permite restituir o diâmetro.



Nº 31 — Fundo cónico de objecto indeterminado. Vidro turquesa. Diâmetro - 2,3 cm.



Nº 32 — Fundo cónico de objecto indeterminado. Vidro turquesa. Diâmetro - 4 cm.



nº 33 — Conta. A forma é a de uma flor de sete pétalas. Moldada em vidro opaco negro. Diâmetro-1,7 cm.